



ENTREVISTA COM IVONE GEBARA: 'OS CONCEITOS A PARTIR DAS DORES DO MUNDO'

Ivone Gebara

Fernanda Lemos

Giselle Gomes S. Prazeres Souza

Autobiografia: Eu sou de uma família sírio-libanesa. Meu pai veio do Líbano e minha mãe veio da Síria. Tive uma educação bastante rígida, estudei em colégio de freira, com as Dorotéia. Uma educação bem patriarcal, tínhamos que obedecer aos padrões e os costumes. Eu era muito 'perguntadeira', aí eu furei muito os costumes e os padrões. Sendo assim, sai de casa para estudar no convento, eu tinha estudado filosofia e eu achava que o mundo era diferente. Em 1967, eu entrei na congregação, na época da ditadura militar.

Trabalhei durante mais de 30 anos no Recife com Dom Hélder Câmara, no Instituto de Teologia do Recife, e agora eu sou uma filósofa e teóloga *freelancer*, andando por muitos lugares, aposentada do universo acadêmico, mas atenta aos problemas da Igreja e da sociedade, da sociedade e da Igreja, e assim por diante.¹

Então para chegar no feminismo comecei pelas rupturas com o sistema na minha própria vida, e as rupturas tinham como foco o caminho da liberdade. Na época, sair de casa era uma liberdade. Eu fiz teologia e depois fiz filosofia, fui estudar na Europa, na Bélgica.

Religare: Sua trajetória acadêmica é significativamente marcada pela experiência com mulheres empobrecidas e periféricas. Em que medida sua vivência como religiosa

¹ Ver: *Complicações*, Ivone Gebara. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bfm-p-tonnU>. Acesso em: 01 abr. 2026.

contribuiu para a compreensão da realidade sociorreligiosa de mulheres em situação de vulnerabilidade?

Gebara: Eu fui estudar na Bélgica, lá eu tinha um professor e aqui tinha um outro na Congregação, o Padre Comblin, que foi o grande teólogo do Instituto de Teologia do Recife (ITER). Na época, ele foi expulso do Instituto e ficou uma cátedra vacante, de uma disciplina sobre filosofia. O Padre Comblin sabia que eu estava terminando o curso na Bélgica e me indicou, escreveu para o Padre Humberto, e tornei-me a primeira professora do Instituto Teológico do Recife. Eram professores de primeira linha, o Humberto, o Sebastião Armando, o Marcelo Augusto, professores de uma certa linha libertária – era o início da Teologia da Libertação. Nesse momento (1973), mal ouvia-se falar de feminismo, eu estava na Teologia da Libertação. Eu sabia que existia o SOS Corpo², depois começou um outro grupo em São Paulo, chamado de Católicas pelo Direito de Decidir (CDD)³ que eu também fiz parte. E viajava de Recife para São Paulo, fizemos um grupo de teólogas latino-americanas e começamos a estudar o feminismo. No Instituto de Teologia, tornei-me mais feminista por conta própria, mas o ITER não se afirmava como feminista, mas sim como um instituto da libertação. Eu vivia numa casa muito simples, tenho muitas saudades desse tempo.

Religare: Seu processo de formação acadêmica, tanto no Brasil quanto na Europa, deu-se a partir de um referencial teórico construído majoritariamente por homens e para eles. Sua formação acadêmica baseou-se em referenciais da Filosofia e Teologia tradicionais e androcêntricos. Em que momento ocorreu o *insight* de que essa epistemologia não contemplava a realidade das mulheres?

Gebara: O primeiro grito do feminismo aconteceu na cidade do Cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco, lá fazíamos reuniões com o sindicato dos operários, sempre nas residências. Era muito interessante porque nessas reuniões só participavam homens, até que um dia, na casa de um operário chamado Vicente, eu avistei sua esposa, a Terezinha, que sempre ficava de longe ouvindo, sentada entre a porta da sala e da cozinha. Certo dia, eu fui à casa deles, e o Vicente ficou contente, mas eu disse: "não vim falar com você, eu quero falar com a Terezinha." Ele nos deixou a sós, e eu perguntei por que ela não participava das nossas reuniões, ela começou a dar desculpas porque tinha que cuidar das meninas, ou fazer o café, mas tinha algo mais, eu insisti na pergunta. E Terezinha me deu uma resposta que jamais esqueci:

__Quer saber mesmo?

² Site oficial da SOS Corpo: https://soscorpo.org/sobre/nossa-historia/?doing_wp_cron=1773833524.4575400352478027343750.

³ Site oficial da Católicas pelo Direito de Decidir: <https://catolicas.org.br/nossa-historia/>.

__ Você tem fala de homem!
 [Eu quase desmoronei]
 Mas, como assim?
 __ Você fala assunto de homem!
 __ Você sabe que todas as mulheres aqui trabalham na feira?
 __ Faço bordado! Faço bolo! Porque não dá para viver só com o salário deles.
 __ E você sabe quem cuida das meninas?
 __ Sou eu que cuido. E vou falar uma coisa para você...
 __ Você sabe o que passa uma mulher de operário na cama?
 __ Então, você fala de política, você fala de salário...
 __ Você fala de presidente, de ditadura, de sindicato...
 __ Mas você não fala das mulheres que cuidam das crianças!
 [Desmoronei!]

Terezinha me acordou! Porque eu não sabia nada dos afetos, dos desafetos e das violências! EU ERA UMA MULHER FORMADA POR TEORIAS MASCULINAS!

Religare: Conte-nos como foi sua experiência no Instituto de Teologia do Recife ao lado de Dom Helder Câmara e do Padre José Comblin, figuras consideradas centrais no pensamento libertador nordestino.

Gebara: Sobre a experiência com o Padre José Comblin, eu já falei anteriormente, ele foi meu professor e me indicou para a Cátedra do Instituto de Teologia do Recife e em relação ao Dom Helder Câmara... Veja, eu conheci um grupo de teatro aqui em São Paulo, que é a Cia do Tijolo⁴, um pessoal de Recife, o diretor Dinho Flor é de Tacaimbó, é maravilhoso, eles são muito bons! Fizeram uma peça sobre Dom Helder, e foi muito interessante porque todos os personagens ao lado de Dom Helder eram homens... E eu fui assistir a peça e aquilo me agrediu, porque o que eu tinha vivido no Nordeste não era assim, e ao final, eu fiz uma provocação a eles, na verdade, eu fui de um atrevimento muito grande, em geral, eu não sou tão atrevida assim, mas naquele dia, eu fui. Dizendo assim: __olha, vocês sabem!?, Dom Helder foi um grande personagem, mas esse personagem não estava sozinho, e nós mulheres? Estávamos em todo lugar, ao lado de Dom Helder, éramos as líderes de todas as pastorais. A secretária particular dele era uma mulher! A secretária da diocese, era uma mulher! A que cuidava da casa, da roupa e da comida dele, era uma mulher! Quem sustentava a arquidiocese, pelo menos 60% éramos nós, as mulheres! E falei isso discretamente, mas falei! Depois, eles me chamaram para estudar feminismo com eles. E passado um tempo, então, fizeram uma outra peça teatral e me chamaram para assistir, e

⁴ Para maiores informações: <https://www.ciadotijolo.com.br/sobre>.

tinha mulher por todo lado! As mudanças na minha vida, eu não posso dizer que foi Dom Hélder, ou que foi o Instituto de Teologia, foi a vida sabe!? Que me deu muitos empurrões! E quando eu fui morar em Camaragibe, em Tabatinga, um bairro muito popular e no começo muito pobre, não tinha asfalto, não tinha carro, só tinha um ônibus que passava por lá e então, sabe, eu sou uma pessoa meio atirada, mas tenho medo. Sou retraída, o mundo daquelas mulheres lá de Camaragibe era muito violento.

Religare: Em 1993 você concedeu uma entrevista à Revista Veja, que publicou nas páginas amarelas e em letras garrafais a seguinte notícia: “Aborto não é Pecado”. Posterior a isto, você foi denunciada por bispos brasileiros à Congregação para a Doutrina da Fé – na ocasião liderada pelo Cardeal Joseph Ratzinger. Diante desse contexto, nossos leitores buscam compreender o desenrolar dos fatos, desde a publicação da entrevista até a imposição da punição do ‘silêncio obsequioso’⁵. O que significou para você, pessoal e politicamente, ser denunciada por lideranças (homens) religiosas por sua postura frente ao aborto?

Gebara: Foi na época de Camaragibe que eu tive o atrito com a Igreja Católica, na época de Dom Jose Cardoso⁶, ele ficou sabendo de uma postura minha, que eu não tinha tornado pública. Mas, já estava observando as violências que estavam acontecendo, a violência dos corpos femininos, principalmente lá em Camaragibe. Até que a revista Veja⁷ me pediu uma entrevista, mas a entrevista foi sobre a igreja e os seminaristas, e depois em off o jornalista foi bastante ‘sacana’. Ele me perguntou se eu sabia da existência de mulheres que tinham feito aborto no meu bairro, e eu disse que sim, que sabia, e aí? Ele falou assim: me fala uma história! E eu contei, a história de uma mulher que foi violentada. Aí, ele disse:

⁵ Para mais informações, consultar a entrevista de Ivone Gebara à Revista Mandrágora: <https://revistas.metodista.br/index.php/mandragora/article/view/1349>. Acesso em 18 mar 2026.

⁶ Dom José Cardoso Sobrinho sucedeu a Dom Hélder Câmara na Arquidiocese de Olinda e Recife, onde atuou entre 1985 e 2009. Nomeado pelo Papa João Paulo II, consolidou-se como um rigoroso guardião do dogma católico, distinguindo-se de seu antecessor pela postura estritamente legalista e conservadora. Enquanto Dom Hélder foi o principal expoente da Teologia da Libertação no Nordeste, Dom José elegeu o legalismo como bandeira de preservação doutrinária. Essa ruptura com o modelo eclesial anterior resultou no afastamento de clérigos e leigos vinculados às Comunidades Eclesiais de Base, além do silenciamento de figuras como Ivone Gebara, após sua polêmica entrevista à revista Veja. Já ao final de seu arcebispado, Dom José protagonizou um dos episódios mais controversos da história recente de Pernambuco ao anunciar a excomunhão automática da mãe e dos médicos envolvidos na interrupção da gravidez de uma criança de nove anos, vítima de estupro. O caráter anacrônico da medida foi acentuado pelo fato de o agressor não ter sofrido sanção religiosa equivalente; o arcebispo justificou, teologicamente, que o aborto constituiria uma falta mais grave que o próprio estupro. Tal posicionamento gerou repercussão mundial, acirrando o debate sobre as tensões entre ética, direito e religião. Para maiores informações, consultar uma das reportagens sobre a polêmica. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/medico-e-excomungado-estuprador-nao-bgmyk7nxxnh8n3qfuc497sua6/>. Acesso em: 01 abr. 2026.

⁷ Reportagem publicada disponível em: <https://estudosnacionais.com/wp-content/uploads/2017/04/Ivone-Gebara-Entrevista-VEJA.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2026.

nesse caso, o aborto não é pecado né? Eu nem usei a palavra pecado. E respondi, não! Claro que não! Pronto, isso foi o suficiente para aparecer nas páginas amarelas da Revista Veja. Eu não tinha falado nada disso, a entrevista foi outra. Mas aí eu comecei a observar, a falar, a ajudar as mulheres e as coisas realmente, eram muito diferentes de como as igrejas, os padres, as freiras e os frades colocavam como verdade absoluta. Para resumir a história, eu fui castigada, eu tive que voltar a estudar teologia, fiz um outro doutorado. **ESSA É A HISTÓRIA DE COMO TORNEI-ME FEMINISTA, PELA DOR DAS MULHERES E PELA PERCEPÇÃO DA MINHA IGNORÂNCIA.** Eu fui uma mulher ignorante de todos esses problemas do mundo e dos corpos femininos. Penso que a teologia tem que furar essa teologia imposta.

Religare: A Teologia da Libertação surge em decorrência do Vaticano II, num contexto de crise na América Latina e na evocação preferencial pelos pobres. Em que momento de sua trajetória acadêmica e social você identificou o distanciamento entre a TdL e a realidade específica das mulheres empobrecidas?

Gebara: A Teologia da Libertação teve um papel importantíssimo, no sentido de alertar para o verdadeiro foco do evangelho e do profetismo, que não se limitava a salvação eterna, e nem a uma teologia metafísica que se preocupava com as almas, mas tínhamos que voltar os olhos para os corpos sofridos. Dito isto, a crítica que podemos fazer a Teologia da Libertação, é sobre aqueles que são reconhecidos como artífice da Teologia da Libertação! Artífice escritor, pensador, todos homens! Eu fui a primeira admitida no círculo masculino, mas você acha que eu estava livre? De jeito nenhum, eu estava intimidada. Teve um dia que eu estava no Rio de Janeiro para um evento, e eu era a única teóloga que tinha sido convidada. Um eminente teólogo, que eu prefiro não dizer o nome, disse: ___oi Ivone, tudo bem? você está aqui como teóloga ou como mulher? Eu levei um susto e dei um sorriso para ele, porque eu não soube responder, mas agora, eu teria dito: e você, está aqui como teólogo ou como homem? Ele queria dizer... Nossa! Uma figurinha só para dizer que tem mulher aqui! Mas, depois nós mulheres conquistamos muitos espaços, porém nunca fomos, de fato, consideradas em nível igualitário, porque na Igreja Católica – e eu diria também – na igreja protestante (com algumas exceções como a Igreja Luterana, que teve um importante abertura para as mulheres e a Igreja Metodista, que começou e depois fechou). As igrejas brasileiras dependiam do dinheiro do estrangeiro, por isso eles abriram para as mulheres. As igrejas “de fora” diziam que se não colocassem as mulheres nos cargos de liderança, não mandariam mais os recursos financeiros. Logo, não era por nossos olhos, pela nossa

inteligência e nem pelos nossos corpos, mas porque ajudávamos a ter financiamento estrangeiro. Nós não sabíamos disso, eu descobri isso tardiamente.

Religare: Sua contribuição epistêmica para a Teologia Feminista da Libertação na América Latina é incontestável e inspira pesquisadoras brasileiras. Nesse sentido, faz-se necessário refletir sobre a aplicabilidade desta Teologia para a contemporaneidade, ou hoje devemos apenas pensar em uma Teologia Feminista?

Gebara: Vou falar algo meio radical agora: a teologia cristã deve sofrer (todas as teologias de todas as igrejas) uma transformação radical! Em que sentido estou falando isso? Quando eu vejo a religião agora, que não é mais como antigamente. Eu não estou dizendo que não exista mais focos e grupos, não existe mais a força das convicções religiosas que existiam no passado, eu explico! A religião hoje está a serviço da política e da economia, da economia liberal, não estou excluindo a Igreja Católica, pois todas as igrejas são dependentes da economia. O papa é chefe de estado! Essas coisas diminuem a espiritualidade, diminuem as forças de nossas convicções, estamos numa espécie de crise doutrinária geral, crise teológica geral. Daí, temos que aproveitar essa crise, aprofundá-la, compreendê-la. NÃO DÁ PARA FAZER CIÊNCIAS RELIGIOSAS INDEPENDENTE DE TEOLOGIA, não basta apenas descrever o que é a religião, mas trazer o conteúdo dessa crença. PORTANTO, eu continuo acreditando na Teologia da Libertação, mas acredito na teologia feminista! Porque ela é menos pretenciosa, menos clerical, menos institucional porque nós não somos acolhidas pela instituição. Porque se pegarmos a Sandra Schneiders⁸, a Mary Hunt⁹, a Elisabeth Schüssler Fiorenza¹⁰, a Nancy Cardoso¹¹, a Lusmarina Garcia¹² e eu. As mulheres de fé são inteligentes, brilhantes, mas não somos mais membras das instituições. Nós furamos essa bolha, não temos mais um único lugar. No futuro eu não sei como vai ser, estamos numa espécie de diáspora que constrói sentidos, que grita por justiça por Marielle Franco, pelas meninas estrupadas, pelos camponeses sem terra. Nunca nos perguntamos de qual igreja somos. Somos amigas, nos apoiamos! As nossas instituições são realidades mais secundárias. Enquanto a Teologia da Libertação estava ligada à instituição, as mulheres de

⁸ Teóloga Feminista estadunidense, realiza uma hermenêutica feminista com base no processo de desconstrução da religião (principalmente o catolicismo), sem desconsiderar a perspectiva interseccional.

⁹ Teóloga Feminista estadunidense, é reconhecida pela atuação no feminismo radical, cofundadora da WATER (*Women's Alliance for Theology, Ethics, and ritual*).

¹⁰ Teóloga feminista e biblista Romena, radicada nos Estados Unidos, referência mundial para o feminismo por estabelecer uma reconstrução histórica das mulheres no cristianismo primitivo, por meio de uma hermenêutica libertadora.

¹¹ Teóloga feminista brasileira, de tradição Metodista, uma referência para o feminismo no Brasil, excepcionalmente na discussão dos direitos reprodutivos.

¹² Teóloga feminista, pastora luterana licenciada. Pesquisa e discute o Ecofeminismo e os Direitos Reprodutivos/Humanos.

fé estão ligadas a ética e a crença de que o divino está em nós. Penso que a Teologia da Libertação está em crise! Direita e esquerda estão em crise! A Teologia da Libertação é da esquerda, mas também está fragilizada!

Religare: Ainda podemos falar em uma Teologia Feminista da Libertação?

Gebara: Ainda quero ir mais longe, estamos fazendo mais ou menos uma Teologia Feminista. O que queremos fazer é uma ética feminista! Vamos deixar a palavra teologia “de molho”. Porque a teologia traz uma ideia de um velho barbudo sentado no trono, o filho em cima e uma pombinha. A teóloga Sandra Schneider, que escreveu um artigo refletindo sobre a Trindade e a necessidade de não mais falarmos dela a partir do tradicional modelo: o velho, o jovem e a pombinha! Devemos, portanto, deixar a palavra teologia na estante por uns 50 anos e usar a palavra ética, *ethos*, costumes, conversão dos costumes. Precisamos falar de misericórdia, falar de amor ao próximo, vamos deixar um pouco a palavra teologia, e fazer ética. O teu marido tem que ser tão ético quanto você, ou seja, não é uma ética feminista ou uma ética masculinista, TEMOS QUE CHEGAR À SÍNTESE QUE SOMOS HUMANOS (homens e mulheres)! Na sexualidade fragmentamos muito e precisamos admitir que o ser humano é uma mistura. Não nascemos só de um esperma ou de um óvulo, somos humanos e não podemos oprimir os humanos, por causa da sua cor, ou da sua sexualidade. Todos somos humanos! A noção de raça é divisora! A noção de classe é divisora! A noção de gênero é divisora! Precisamos compreender que nossos CONCEITOS ACELERAM OS CONFLITOS DA HISTÓRIA! Tudo isso, vai ajudando o mercado. Agora temos comidas ecológicas, temos fábricas de café ecológicos. O que eu quero dizer é que não podemos fraturar o ser humano, mas a teologia continua fraturando. E, por isso, temos que falar de ética!

Religare: O meio ambiente tornou-se pauta central nos debates políticos globais, como se observa na COP30 em Belém. Contudo, o Ecofeminismo¹³ já associava a exploração da natureza à dominação feminina desde a década de 1970. Diante disso, como essa vertente se reafirma necessária hoje, em um cenário onde as políticas ambientais ainda marginalizam/oprimem as mulheres?

Gebara: Primeiro eu acho importante o que você falou sobre as palavras. Houve um tempo que falávamos da importância de as mulheres serem bem femininas, agora vamos falar de ecofeministas. Eu realmente trabalho no Ecofeminismo. Quando pensamos na dimensão ecológica na vida, isso inclui as mulheres e os homens, quando se inclui as mulheres, não precisa mais falar do feminismo, porque já estamos incluídas. Agora estamos precisando do ecológico, nunca seremos perfeitos. Quem é o ser humano? O ser humano é

¹³ Ver: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/revistamandragora/article/view/9666/9196>.

uma vida animal, vegetal, mineral, celeste, terrestre, marítima, fluvial. A matéria humana é uma matéria complexa. meu corpo e o corpo de uma abelha se necessitam, não se pode mais uma matéria interdependente. Eu começo o Ecofeminismo com a minha absoluta dependência das formigas, das abelhas, das vacas, do ar, da água, em oposição a destruição capitalista. Quando eu falo de Ecofeminismo, eu falo porque as mulheres estão sofrendo atrocidades, estamos acabando as espécies que estão sendo desaparecidas. Estou falando de Ecofeminismo porque estamos acabando com os indígenas, com o diálogo antirracista, estamos destruindo o Haiti, a África, os quilombolas. EU ESTOU PEGANDO OS CONCEITOS A PARTIR DAS DORES DO MUNDO! Esse “eco” é enorme porque mostra que o meu corpo não é um corpo hierárquico, é um corpo interdependente! E partir para a interdependência, mesmo sabendo que a interdependência tem os seus limites.

Religare: As estruturas do Patriarcado ainda persistem nas sociedades atuais? No âmbito dos estudos feministas, qual é a relevância desse conceito para a compreensão das dinâmicas socioculturais contemporâneas?

Gebara: Não superamos de forma nenhuma o patriarcado, nós ainda temos que falar dele. Ele ainda vai demorar muito tempo, e o que é o patriarcado? Depois aceitar que o masculino é o princípio da sociedade, uma afirmação dos próprios patriarcas, eu penso que as religiões monoteístas, especialmente, organizaram seus sentidos numa estrutura patriarcal. São masculinos descendentes de hierarquias masculinizadas! Isto é o oposto da comunidade, da ecologia, e da organização quilombola, que por sua vez não precisa de uma gigantesca organização para funcionar. O MUNDO AINDA É MUITO PATRIARCAL, porque favorece as elites. A esquerda também favorece as elites, embora a gente faça mais adesão à esquerda, hoje em dia, o que é a esquerda no mundo? Seria a Rússia, seria a China, seria a França, quem é a esquerda? Então, talvez você possa encontrar algumas lideranças mais humanistas na esquerda, menos capitalistas, mas o regime do mundo, nos está convidando para destruí-lo para construir outro tipo de relação. Por isso, é muito importante estudar o mundo patriarcal! A ÉTICA NAS RELIGIÕES É PATRIARCAL! E quem é deus, é um dublê do masculino? Um patriarcado hierárquico, classista, excludente e que distribui esmolas! Os partidos são distribuidores de esmolas, parece que fazem um favor, quando aumentam o salário-mínimo. Eu recomendo que vocês leiam o livro “O Vivível e o Invisível”, um diálogo entre a Judith Butler e o Frédéric Worms. Interessantíssimo compreender que a nossa crítica não nos isenta, mas nos pesa a responsabilidade de enxergar porque aquilo que eu denuncio pode ajudar a criar alternativas para as vivências com o mundo.

JOÃO PESSOA, 2026

Recebido em: 1 de abril de 2026

Aceito em: 9 de abril de 2026

Publicado em: 10 de abril de 2026

Conflito de interesses: Nenhum declarado